

Jaclyn Moriarty

A FENDA BRANCA

As cores de Madeleine

Livro Um

TRADUÇÃO

Frank de Oliveira e
Júlio Monteiro de Oliveira





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Marcia Alves
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Luciana Araujo
Capa e design: Ana Solt

Título original: *A Corner of White*

© 2014 Jaclyn Moriarty

First Published in Australia by Pan Macmillan Australia Translation rights arranged by Jill Grinberg literary Management LLC and Sandra Bruna Agencia literaria, SL
All rights reserved

Direitos de publicação no Brasil:

© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-624-7

Impressão e acabamento: Geográfica
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moriarty, Jaclyn

A fenda branca, livro um / Jaclyn Moriarty ; tradução Frank de Oliveira e Júlio Monteiro de Oliveira. -- São Paulo : V&R Editoras, 2014. -- (As cores de Madeleine)

Título original: *A corner of white*

ISBN 978-85-7683-624-7

1. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

13-12521

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

PARA CHARLIE, COM AMOR

De *Memoir of Isaac Newton*, de John Conduitt, 1727

[Isaac Newton] recebeu o famoso problema que supostamente ia desconcertar todos os matemáticos na Europa às quatro da tarde, quando já se encontrava bem cansado com os negócios da Casa da Moeda, onde havia trabalhado o dia todo, e mesmo assim o resolveu antes de ir para casa naquela noite.

Introdução

O Reino de Cello¹ (pronuncia-se *tchello*) não precisa de introdução.

Quando visitar

Olhe, honestamente falando, visite Cello quando tiver tempo. É um destino popular para turistas o ano todo, por isso não dá para falar em “alta temporada” ou “baixa temporada”. (Nenhum tipo de temporada, aliás, ao menos não no sentido tradicional.)

Suponho que haja vários festivais que, talvez, você pudesse querer ver, mas não imagino por que o faria. Comumente, eles são realizados em vilarejos e cidades das Fazendas, e, se há um lugar em Cello aonde você não vai querer ir, são as Fazendas.

As Fazendas

Espere um pouco, o que estou dizendo? As Fazendas! Nossa, você vai adorá-las! Os campos dourados de trigo, os pomares de cerejeiras, os sorrisos tímidos e o andar lento dos fazendeiros! Como o lema da província promete: “Como num passe de mágica, o encanto das Fazendas vai fisgá-lo pelo estômago”.

Eles podem não ser muito bons em anatomia, mas os fazendeiros são pessoas que assam *muffins*, que fazem doces, que tocam as rabecas mais adoráveis que você já conheceu na vida.

(Blá-blá-blá, viva os fazendeiros! Blá-blá-blá, torta de abóbora! etc.)

(Sério, se não tiver muito tempo disponível, pode pular a visita às Fazendas.)

Por que visitar Cello?

A pergunta está errada. O correto é: por que *não* visitar Cello? Tendo em mente que você sempre pode pular a parte das Fazendas, *por que motivo você não visitaria Cello?*

1. *The Kingdom of Cello: An Illustrated Travel Guide*, por T. I. Candle, 7ª ed., 2012, reimpresso com a permissão da Universidade de Brellidge.

PARTE 1

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

Madeleine Tully virou uma pessoa de catorze anos ontem, mas hoje ela não virou nada.

Ah, espere. Ela virou uma página.

Estava sentada no teto inclinado do sótão, lendo um livro. Só que não estava concentrada nele. Na verdade, ouvia sua mãe, que estava lá dentro.

A mãe de Madeleine costurava e assistia a um programa de perguntas e respostas. E respondia a cada pergunta. Pá, pá, pá! Soltava respostas como uma pipoqueira. E respondia antes de o apresentador terminar de perguntar.

– Qual é a capital do Equador?

– Maputo!

– Do francês, que palavra de seis letras...

– *Frisson!*

Cada vez que a mãe de Madeleine respondia, um competidor na televisão também o fazia, porém um segundo mais tarde. A voz dos competidores soavam calmas e tranquilas.

Começou um intervalo comercial. A máquina de costura parou. A mãe de Madeleine saiu pela janela e sentou no telhado, ao lado de Madeleine. As torres da Universidade de Cambridge traçavam o próprio contorno contra o céu atrás delas.

– Hoje à noite – disse a mãe de Madeleine – vamos jantar aqui em cima. Madeleine fechou o livro.

– Vamos passar frio – a mãe continuou. – Vou trazer cobertores.

Madeleine fez que sim com a cabeça.

– Vamos comer o resto do bolo de aniversário. Não tem de ser sempre feijão para o jantar, você sabe.

– Não – Madeleine concordou.

– E vamos ficar aqui e olhar as estrelas até cair no sono em meio aos cobertores.



Madeleine e a mãe, sentadas uma ao lado da outra, suspiraram.

Pensavam na mesma coisa.

Não iam jantar no telhado naquela noite.

A mãe de Madeleine ia continuar costurando até meia-noite e só ia parar um pouco para flexionar os dedos doloridos.

Suspiraram de novo.

Lembravam-se agora da mesma coisa.

O jantar naquele dia ia ser feijão. Haviam comido todo o bolo de aniversário no dia anterior.

Se ao menos tivessem guardado um pouco...

– Certo, então – disse a mãe de Madeleine. Ela entrou na casa novamente pela janela. A máquina de costura foi ligada.

A máquina de costura era uma Harlsbury Deluxe Model 37B. A mãe de Madeleine a havia ganhado em Londres muitos anos atrás, como prêmio em um programa de perguntas e respostas.

Um dia, não muito distante, ela planejava competir de novo.

Mas desta vez não ia ganhar só a máquina de costura. Desta vez, também ganharia a TV de plasma, o conjunto de toalhas de luxo, a viagem, o churrasco *e o carro!!!* (Era como o apresentador do programa... e a mãe de Madeleine... se referiam ao carro: em itálico e com três pontos de exclamação.)

Portanto, todas as manhãs, a mãe de Madeleine telefonava para a emissora para “registrar seu interesse” em competir.

A cada quinze dias, ela mandava por correio uma solicitação para competir.

Mais ou menos uma vez por mês, tomava um ônibus para Londres, andava até os escritórios da emissora de TV e batia um papo amigável com a recepcionista (você nunca sabe quem pode ser influente ou não).

E todas as noites ela assistia ao programa e respondia a todas as perguntas.

Pá, pá, pá! Ela gritava as respostas como uma exibição de fogos de artifício.

E, toda noite, ela errava cada uma das perguntas.

(A capital do Equador é Quito. *Frisson* nem sequer tem seis letras.)

PARTE 2

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

Três metros de neve haviam caído da noite para o dia.

Foi o suficiente para atolar as vacas de Dudley.

E o suficiente para rachar os galhos da árvore de madeira prateada que tinha estado de pé por mais de mil anos no terreno da Escola Primária de Fogueira.

A neve cobriu a pirâmide de abóboras. E o Comitê de Abóboras de Fogueira a vinha construindo havia mais de um mês.

Agora, no brilho do meio da manhã, a Praça Central estava repleta de abóboras. O pessoal da cidade chutava abóboras como se fossem bolas de futebol. Ou as alinhava na beirada da fonte, para mirá-las com rifles de ar.

(Ou as recolhia tranquilamente junto ao casaco, para levá-las para casa e preparar uma sopa na cozinha.)

Elliot Baranski estava sentado numa mesa do lado de fora do Café Padaria. Uma abóbora bateu contra sua bota. Sem olhar para baixo, ele mexeu o pé, e a abóbora rolou lentamente para longe.

Elliot segurava um livro da biblioteca. A mãe, Petra, estava sentada na frente dele. Ela se inclinou para ler o título:

*Pescaria de feitiços: dicas e técnicas para
pescar o feitiço que você deseja.*

– Não é possível fazer uma coisa dessas – disse Petra, e tomou um gole de seu café.

– Se eu partir hoje, posso estar no Lago dos Feitiços na quinta-feria – Elliot respondeu. – Vou pescar um Feitiço Localizador.

– Não é possível fazer uma coisa dessas – Petra repetiu. – Você não pode escolher que feitiço vai pescar em um lago. Não pode sequer garantir que vai pescar um feitiço. Sabe muito bem disso.



– Este livro diz que é possível. Ele tem teorias científicas e estatísticas, e... vejamos... – Elliot folheou o livro. Apontou para um ponto na página.

– Notas de rodapé. Sim, tem notas de rodapé.

– Uh-uh – disse a mãe, mas ela o encarava fixamente.

Havia uma mancha roxa na bochecha esquerda de Elliot. O olho direito estava fechado de tão inchado. Uma cicatriz no formato de um guarda-chuva tomava a lateral do pescoço.

– Elliot – ela disse –, dê um tempo.

Ele balançou a cabeça, indiferente.

– Cada vez que você chega em casa tem mais machucados – Petra continuou – é como se saísse para colecionar cicatrizes. Você voltou ontem à noite e já quer sair de novo? Precisa de um tempo para se recuperar.

– Essa viagem para o Lago dos Feitiços vai ser um tempo para recuperação. Pra começo de conversa, vai levar alguns dias até chegar lá. Não vai haver nenhum perigo no norte e, quando conseguir o Feitiço Localizador, vou estar pronto para ir aonde ele me levar.

A mãe riu.

– Ah, sim, *nenhum* perigo no Norte Mágico. Só aquela colônia de lobisomens. Só dragões descontrolados, gangues de Hostis Errantes, e um sério risco de geladura. Vai ser uma viagem de passeio como qualquer outra; sopa no mel.

– Ah – Elliot deu de ombros. – Vai dar tudo certo.

– Você tem quinze anos. Já faltou demais na escola. Seus colegas sentem sua falta. A *cidade* sente sua falta!

Elliot olhou ao redor. Respirou o aroma de neve caída na praça, terra molhada, pão fresquinho, cerveja e abóbora esmagada. Pelo caminho, Clover Mackie (a costureira da cidade) captou seu olhar e sorriu, acenando da entrada de sua casa verde-hortelã. Mais próximo, Isabella Tamborlaine (a professora de Física do Ensino Médio) subiu num pequeno monte de abóboras e ensaiou um passo musical. Jimmy Hawthorn (o subxerife) aplaudiu a performance e depois gritou para um garçom no restaurante Le Petit que pegasse uma faca para poder esculpir um rosto na abóbora.

– A cidade parece bem – disse Elliot. – Embora... – fez uma pausa. – Qual é a das abóboras?

– Ah, você esteve longe tempo demais. Ao menos sabe que as Princesas Irmãs estão fazendo um *tour* pelo Reino no momento?

– Ouvi algo a respeito.

– Bem, o xerife inscreveu nossa cidade para ser incluída na turnê. Ele conseguiu um monte de gente para ajudá-lo a construir uma pirâmide de abóboras. Era um atrativo; um motivo para as Princesas nos visitarem. Os selecionadores vão passar por aqui hoje, então não há muita chance de sermos escolhidos agora.

Elliot levantou as sobrancelhas.

– Eles não podem reconstruir?

– Não até esta tarde – Petra esfregou o nariz. – Você está desviando do assunto. Certo, Elliot, se a cidade não precisa de você, seu time de destrobol precisa. Mesmo com todos os jogos que você perdeu, ainda é o melhor jogador. É o motivo pelo qual eles chegaram tão longe. Por que não permanecer por algumas semanas, até a final?

Elliot colocou o livro da biblioteca de volta na mochila.

– Tenho que ir – ele respondeu. Amarrou as correias da mochila e lançou um olhar duro para a mãe. – Não vou ficar aqui por causa de um jogo de destrobol.

– Bem... e quanto à fazenda? Queria que você consertasse a fiação da estufa antes de ir. E tem um monte de outras coisas.

Ele soltou um risinho e se levantou, a mochila nas costas.

– Você poderia trocar a fiação da cidade inteira mais rápido do que... – ele pressionou o polegar contra o dedo médio até estalar. – Não venha com essa de me dizer que não consegue cuidar da fazenda sem mim.

Petra deu de ombros. Em seguida, estudou-o com os olhos.

– Elliot – ela falou –, aluguei a oficina do seu pai.

A porta de um carro sendo batida soou acima do ruído na praça.

Ambos se viraram. Do outro lado da praça, Hector Samuels (o xerife do condado) estava parado ao lado de seu carro. Observou o caos das abóboras e um suspiro levantou-lhe os ombros.

Elliot e Petra se viraram e se encararam de novo.

– Você me ouviu? – Petra falou. – Aluguei a oficina.

Elliot agarrou as alças da mochila.

– Mas quando eu encontrar papai e o trouxer de volta... – ele mencionou.

A mãe assentiu enfaticamente.

– Quando encontrar seu pai e o trouxer de volta, vamos lidar com os novos inquilinos – ela falou. – Por enquanto, precisamos do dinheiro. A oficina está vazia há um ano.



Elliot soltou as alças. As palmas estavam marcadas com linhas brancas paralelas. Ele as observou enquanto sumiam.

– Uma família de nome Twickleham vai alugar o espaço – Petra continuou – eles são de Velhus Excentricus. Não exatamente uma província conhecida por consertos eletrônicos, posso afirmar, mas juram que entendem de tudo isso. E vão estar aqui em um mês.

Elliot levantou o olhar para a torre do relógio.

– Vou para casa agora lavar minhas roupas – ele falou. – E pegar coisas para comer. Tomo o trem das três e meia em direção ao norte...

Ele parou. A mãe movimentava o maxilar da maneira que sempre o fazia estalar.

O maxilar estalou. Como de costume, isso a surpreendeu.

Em seguida, ela voltou a falar, só que agora a voz havia mudado. Tinha ficado gentil e suave. Ele teve de se inclinar para ouvi-la.

– Elliot – ela disse –, o fato é que: é duro começar meus dias sem seus *muffins* de mirtilo – ela fechou os olhos. – Você faz os melhores *muffins* da província.

– Ah, que bobagem – ele respondeu, mas então ela abriu os olhos e deixou que ele visse, apenas por um instante, como as coisas realmente estavam sendo para ela.

Como tudo estava desde que seu pai desaparecera, desde que ele mesmo havia partido em busca do pai, por boa parte daquele último ano. Ele viu os fragmentos dela.

Virou de costas.

Franziu a testa várias vezes. O rosto se franzia, se esticava, e depois os sulcos retornavam. Pequenos *vês* da testa franzida, como pássaros em desenhos de criança.

Os machucados pareciam mais roxos.

Ficou de pé e observou a praça.

Agora, uma expressão diferente, impaciente, tomou seu rosto. De um jeito brusco, largou a mochila na cadeira e se afastou a passos largos.

A mãe o observou.

Elliot parou no centro da praça e coçou a nuca. Traçou uma linha na neve com a bota. A linha virou num canto, depois em outro, até formar um quadrado. Um quadrado na praça. As crianças rolavam abóboras além dele.

Levantou os olhos. Seu olhar encontrou uma caminhonete parada no outro lado da rua. Estava cheia de caixas vazias.

Andou até ela, agarrou algumas das caixas, voltou e as alinhou com o traçado que havia feito na neve.

As crianças, que brincavam, pararam e observaram. Ele pegou algumas das abóboras e as colocou em uma caixa.

Agora, os adultos observavam também. Eles os ignorou e continuou trabalhando, voltando para a caminhonete a fim de pegar mais caixas.

Algumas poucas pessoas compreenderam o que fazia e se juntaram a ele.

Dentro de instantes, várias outras também ajudavam. O ritmo acelerou. Caixas se apressavam para o centro da praça e braços repletos de abóboras corriam em direção à elas. Pegavam-nas e as posicionavam, duas abóboras para cada uma. Caixas alinhadas em cima de caixas, abóboras enfiadas de maneira organizada dentro delas. Lentamente, a base de uma pirâmide se formou.

O xerife observava, boquiaberto. Por fim, tirou o casaco e correu para ajudar também.

Linhas de montagem passavam abóboras de mão em mão, como uma dança em alta velocidade. Alguém arrastou uma escada dos fundos da Loja Cofrinho.

Elliot deu um passo para trás.

Ao menos vinte pessoas trabalhavam na pirâmide agora.

Ele girou nos calcanhares, deixou-os ocupados com isso e voltou para o Café Padaria.

A mãe semicerrou os olhos ao vê-lo, orgulhosa.

– Foi algo bem bacana isso que você fez – ela falou.

– Metade das abóboras havia sumido ou sido esmagada – disse dando de ombros. – Então, usei caixas. Vai dar uma pirâmide menor, eu acho, mas deve ficar bom.

– Vai ficar muito elegante – a mãe concordou.

Elliot pegou a mochila de novo.

– Certo – ele disse.

Petra inclinou a cabeça em um gesto de questionamento.

– Certo – ele repetiu. – Vou ficar por mais algumas semanas.

Ela esticou o braço para tocar a manga dele. Parecia prestes a chorar.



– Vou ficar até a final. Mas, no dia seguinte ao jogo... – ele avisou – ... vou partir de novo. Para o Lago dos Feitiços. E vou usar o livro para pegar um Feitiço Localizador. Vou encontrar o papai.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

– Vou dar uma olhada na fiação da estufa agora – ele avisou.

Não olhou para trás até chegar à torre do relógio. Depois, parou e observou por um momento, enquanto eles terminavam a pirâmide. Uma garota quase caiu de uma escada, as mãos escorregadias devido ao suor. Uma caixa começou a balançar perto do topo, e alguém gritou e a pegou. Houve aplausos, gritaria, xingamentos e vivas.

O xerife olhou para trás, avistou Elliot e bateu uma vigorosa continência em sinal de gratidão.

Elliot diminuiu o passo, levantou a mão e deu um meio sorriso para ele.

Depois, com um quase imperceptível dar de ombros, virou-se e se dirigiu para casa.